

DOIS MUNDOS

Era uma lua enorme, redonda, cheia. A luz branca e suave da grande feiticeira descia lentamente, num arrepio de frio, e abatia-se por sobre a colossal montanha, envolvendo-a numa auréola de pureza e frescura, conferindo a todas as coisas uma existência mística, inominável... Tornava-se estranho aquele local, quase sinistro, como o são todos os locais selvagens quando envolvidos por esse fumo branco e nebuloso da lua cheia. O silêncio sagrado daquela residência divina era entrecortado apenas por vozes fugazes de algumas aves, personificação talvez de cantares de embalar o menino que entre aquelas ramagens adormecia.

Vislumbrava-se naquela lua a imagem lendária do velho corcunda condenado a carregar o grande saco de silvas... Essa mancha escura em toda aquela esfera de brancura, longe de destruir a harmonia, conferia-lhe ainda um tom melancólico, triste. Era uma lua como não surge já nem surgirá nunca mais nas nossas cidades. Porque as luzes demasiado intensas, o brilho próprio das grandes aglomerações, impede uma perfeita observação do céu. Em consequência, o Homem parece desligar-se cada vez mais desse antigo companheiro - o céu, as estrelas, a lua ... Quando uma criança das nossas cidades olha, sonhadora, o céu, não pode encontrar o tom místico inegalável que cobria outrora a grande escuridão. O que vemos no céu é um reflexo da nossa própria luz, desse aterrador paradoxo que é o progresso. O progresso, à medida que nos trouxe electricidade, casas com tectos demasiado opacos, medonhos focos de luz, televisões, mais conhecimentos para devorar, trouxe-nos também o esquecimento do céu. E talvez aqui esteja a origem dos grandes conflitos actuais - O homem não se sente enraizado, ligado intensamente ao Universo que o rodeia, simplesmente porque não tem tempo para o contemplar. Tal facto remonta aliás ao séc. XVI e á Revolução Galilaica. Este séc., que modificou totalmente a vida dos homens, trouxe consigo efeitos perniciosos. Na verdade à concepção Aristotélica de um cosmos belo e harmonioso, do qual o Homem é parte integrante, e em que todos os elementos (incluindo o o Homem) tendem para um fim comum -a suprema perfeição-, opôs-se no séc. XVI uma ciência matematizada e com objectivos meramente quantitativos, em que se assiste à separação do Homem face á natureza, e em que esta será apenas objecto de quantificação, cooperação e manipulação. Simultâneamente, a obtenção da liberdade de pensar e de agir, a libertação do peso e da autoridade da Igreja, teve um preço,... um preço talvez demasiado alto. É que o séc. XVI destruiu completamente uma ordem, uma ordem que respondia totalmente às dúvidas humanas, mas não a conseguiu substituir por outra. Do séc. XVI emerge um conjunto de escombros e de dúvidas que não mais permitirão que o Homem se sinta intelectualmente respondido. A incerteza é talvez o preço a pagar pela

busca da verdade... o Homem distância-se cada vez mais do Universo que o viu nascer! Interessado apenas em conhecê-lo, reduzi-lo a fórmulas matemáticas que permitam manipulá-lo, esqueceu-se de olhar... olhar tão somente a beleza de uma estrela, o envolvente misticismo de um luar... Apercebeu-se de tal um qualquer filósofo cujo nome me não recordo, e alertou para a necessidade crescente do homem moderno ter características bovinas...é necessário pensar, saborear, ruminar sobre as questões que o Mundo nos coloca. Não basta devorar rapidamente uma quantidade confrangedora de informação...é urgente digeri-la lentamente! E é assim que, a pouco e pouco, as crianças não ouvem já essas histórias de homens corcundas que carregam silvas às costas na superfície mágica da lua. Esta tornou-se apenas uma pedra, uma grande pedra sem valor, apenas mais um pedaço de Universo a ser conquistado pelo Homem, a ser marcado por uma bandeira e não mais lembrado...Como todas as coisas, a ser devorado e esquecido pela caminhada inexorável do Tempo.

Naquela montanha,porém, o Tempo parecia ter parado...Talvez não existisse mesmo. Parecia que todo aquele quadro mágico existira desde sempre e para todo o sempre. Uma realidade sem principio nem fim...E eterno se adivinhava também o amor que entre aquele luar tomava forma...Um amor estranho, talvez. Um amor único!

Voando no céu negro e estrelado, vislumbra-se um vulto imponente, majestoso, com as suas enormes e potentes asas subtilmente abertas. Negro como a noite, os seus olhos faíscavam. Tinha um peito largo e forte, como precisa um coração para pulsar livre. Descia agora a uma velocidade estonteante, vertiginosa, numa fabulosa parábola tangente ao solo, para de novo se elevar nos céus, com a leveza e a força que marcam aqueles que conhecem a essência da vida, aqueles para os quais o Universo é um maravilhoso oceano que só eles poderão sulcar. A gradeza daqueles que corajosamente se embrenham no tempestuoso mar do Universo. A majestosa simplicidade de uma Águia. E aquela águia que planava suavemente na noite, governando toda a teia da vida do alto do seu voo, parecia invulnerável a toda a força do Universo. Ela porém, sabia-se exposta a perigos... Reconhecia a sua pequenez de bicho da Terra,e aprendera o segredo de infinitas gerações da luta pela sobrevivência. Quando as forças do Universo enlouqueciam e o céu lampejava de medonhos trovões, quando as portas do céu se abriam e se adivinhava a chegada dos Cavaleiros do Apocalipse, a águia descia para o seu abrigo... Uma pequena rocha daquela montanha formava um aconchegado ninho para a grande águia. Uma estranha simbiose, com efeito, tinha criado a imaginação da Natureza... A águia, do alto do seu majestoso voo, vigiava a montanha, era a sua guardiã incorruptível! Sempre, sempre aquela montanha se vira com o vulto negro da águia planando sobre a sua cabeça, vigiando-a, protegendo-a como o herói mítico que defende a sua deusa... E a montanha, recolhia no seu leito a águia, aquando destes

terríveis dilúvios, aconchegando-a no seu calor sensual. A águia conhecia já cada ponto do corpo da montanha, cada reentrância, cada particularidade... A enorme montanha ansiava esses dias em que recebia a águia no seu leito, e a envolvia num beijo celestial... Era amor o que existia entre aquelas duas naturezas, a confiança de que poderim sempre contar com o outro... E parecia inabalável aquele amor, eterno!... Estranho porventura. Simples e único. Mas não será o próprio Amor, por essência, um estranho paradoxo? Não será sempre o Amor simples e único, diferente de todas as coisas. Porque, afinal, o que é o Amor? Quem ousar sequer responder, acuso-o de hipocrisia. E não prossiga a leitura, pois jamais conseguirá entender o que se segue... se é que existe algo para entender... Párem também os que nunca amaram e aqueles cuja única ambição é o poder, a grandeza, a razão insensível do ouro. Como tal, os meus leitores serão apenas aqueles que reconheçam a sua ignorância essencial acerca desse louco fenómeno que é o Amor e, sobretudo, os que ousam acreditar nos sentimentos. Pois só assim serão capazes de admitir e entender o profundo Amor que une aqueles dois seres, a união total e Universal de duas almas, a fusão nuclear de dois corpos que anseiam tornar-se um só, num abraço que rompa as barreiras do espaço-tempo e mergulhe profundamente nas origens do próprio Universo...

Não sabiam o que os ligava. Não lhe apelidavam Amor. Não tinham sequer palavras para trocar. Talvez não soubessem mesmo o compromisso que os unia. Ele simplesmente existia, era real e eterno.

Ou parecia eterno. Porque um beijo, um abraço, por maior e mais profundo que seja, terá sempre um fim... um fim físico pelo menos. Aquele abraço, aquele único, durava, inabalável, na inocência e leveza de um puro pensamento... Até que algo se intrometeu entre eles, algo que quebrou o voo da águia e os lábios da montanha... algo que a nós, homens, chamamos cobiça, ambição, desprezo!

Foi na manhã seguinte aquele luar místico. A Natureza dormia ainda, embalada pela frescura matinal e pelo chilrear suave de alguma ave. O delicioso sol de uma manhã primaveril não tinha ainda derretido a geada que se acumulava em cada pétala, e enlaçava alegremente os seus raios frescos pelos caules viçosos das plantas. Um som estranho se ouvia, porém. Em compassos curtos, um som forte e pesado de passos que avançam espezinhando o tapete festivo da natureza. Os passos de um homem que invadiam aquele último reduto dos deuses, até aí vedado a qualquer intromissão humana. Era um jovem, de olhar limpo e sereno, que provavelmente não se apercebia sequer do erro que cometia. Demasiado cego pelas barreiras sociais que o haviam lentamente estrangulado e moldado à imagem e semelhança de todos os outros homens, caminhava firme e alegre, na sua missão de cientista, continuando a caminhada inexorável da razão, caminhada sem fim e sem sentido que tudo devora, até

que nada mais exista senão vazio. E aí continuará ainda a caminhada, num último esforço, penetrando no vazio ou retrocedendo de forma a procurar a causa da destruição, sem nunca entender o significado final dessa tenebrosa palavra: Parar! E caminhava aquele jovem, cheio de sonhos e alegrias, acreditando vivamente no conhecimento e na verdade da razão. Até que estacou frente a uma pedra... a rocha que servia de abrigo à águia, o ponto de contacto da quele Amor celestial. Não conhecia aquela rocha, o jovem cientista. Era feita de uma estranha combinação, tinha um brilho sereno e inegalável. Movido pela curiosidade, fonte de todo o conhecimento, o jovem cientista retirou do saco que o acompanhava um escopo e um martelo... colocou indiferente o escopo a um veio da rocha e levantou o martelo no ar... A montanha sentia o olhar medonho do seu carrasco elevar-se nos ares e convergir toda a sua força naquele fatídico instrumento da destruição. A Natureza emudeceu, horrificada, temendo o apocalipse... A mão desceu, maquinalmente, potente, imparável, num sopro esforçado. O martelo lampejou no ar, largo, medonho e abateu-se poderosamente sobre o escopo. Um laivo de dor e desespero percorreu toda a montanha, um grito terrível, tremendo, que abalou os alicerces da teia da vida. O sol apagou-se momentaneamente, e uma escuridão profunda trespassou a vista de todos os seres. Quando de novo a luz se acendeu no céu, toda a Natureza assistiu a um espectáculo de morte e destruição. Um enorme pedaço daquela rocha saltava, separava-se do resto do corpo, que se esvaiu em sangue, decapitado, mutilado. O coração da montanha, numa agonia desesperada bateu ainda uma última vez, até que a seiva se acabou e a montanha morreu,... os seus olhos fecharam-se lentamente, fixados na imagem da águia que voava para si, de asas abertas, já sem esperança, num último abraço... sem lágrimas, sem palavras, se despediram aqueles dois seres, como numa comunhão de pensamentos que sabia nada poder fazer. Durante largos momentos a Natureza continuou silenciosa, assistindo à partida do jovem cientista, que se afastava, com a rocha já morta e sem brilho dentro de um enorme saco, de volta para a sociedade de onde nunca deveria ter saído. As cataratas do céu abriram-se então, num grito de agonia e raiva, abatendo-se terrivelmente sobre todo o planeta, bramindo, esbracejando, tenebrosas e malignas, como se as forças do mal se soltassem para devorar todo o vestígio de civilização humana. Porém, de nada valia o bramir da Natureza contra as paredes feias da sociedade. E na sua raiva, no seu desespero de vingança, esqueceram-se os céus da águia, sózinha, sem protecção, que, esvoaçando impotente sobre os olhos mortos da sua amada, acabou por ser projectada contra o solo, contra o peito inerte e frio da grande montanha, e aí morreu, sem um grito, sem um suspiro...

O tempo passou, e aquela medonha tempestade foi esquecida pelos jornais humanos. Só a Natureza suspirava de dor e taisteza com as memórias daquele trágico Amor, sem nome e sem poeta para o cantar em frias palavras humanas.

A rocha que o cientista havia recolhido, perdeu todo o seu brilho, acabou esquecida, fechada em qualquer museu, morta e feia, mergulhada no pó com que o tempo cobre todas as coisas.

A morte, porém, não é obrigatoriamente o fim de tudo. É, pelo menos, o regresso à essência da vida, às origens últimas do ser, à sua realidade primordial, pura, em que os átomos de novo se movem, livres, sem barreiras físicas, visitando os confins inimagináveis do Universo, para de novo se unirem a outros átomos que constituirão uma nova vida, uma nova esperança. Está talvez recheada de poesia, a morte. E, na verdade, naquele mesmo local onde a águia ficou, morta, esmagada contra o peito do seu eterno Amor, uma mágica metamorfose ocorria... A Natureza encarregou-se de unir novamente aqueles dois seres, e o ciclo da vida recomeçou naquele local. A águia regressou às suas origens, desfez-se em minúsculos átomos palpitantes de vida, os quais se fundiram profundamente com a terra que os envolvia. Da fusão dessa matéria orgânica morta e inerte com os perfumes da montanha, surgia o húmus, a mágica seiva da vida. Alimentada por esse leite de vida, uma flor, frágil e pequenina, brotava novamente da Terra, florescia, dava de novo corpo àquele Amor. Naquela minúscula flor corriam os átomos que outrora haviam sido da águia e da terra, de novo felizes, unidos, formando um novo ser, uma nova esperança!...

Queria acabar aqui o meu conto. Gostaria de largar a pena e olhar apenas o sol que alimenta aquela florzinha, símbolo da majestosa pujança, da mão da Natureza. No entanto, parece que uma força trágica e misteriosa me impede de o fazer, me conduz a mão já cansada e a obriga a reiniciar o ciclo brutal do tempo que nada deixa parar. Obriga-me essa força misteriosa a criar um novo homem, o mesmo ou outro qualquer, que de novo devassem a intimidade inviolável daquele lar. Oh! Pára! Porque não páras? Não sabes o que tal significa? Porque ousas continuar? Como ousas não estar nunca satisfeito com o que está já criado? Porque não consegues resistir a essa humana condição? Mas não... tenho que de novo inventar uma criança que corre, alegre, por entre a Natureza renascida daquela montanha, numa outra manhã de primavera, e que inadvertidamente pise aquela flor... e de novo, terrivelmente assassinada, espezinhada, esmorecerá o último suspiro daquele Amor inabalável...

MIGUEL LAGOA

3/01/92